



## **A glamourização da tortura do episódio “June” de *The Handmaid’s Tale***

### **The glamorization of the torture from “June” episode of *The Handmaid’s Tale***

*Paula Fernandes Martins de Azevedo*<sup>1</sup>  
*Carolina Cavalcanti Falcão*<sup>2</sup>

#### **Resumo**

O artigo apresenta um recorte do primeiro episódio “June” da segunda temporada da série *The Handmaid’s Tale*. Fundamentada nos conceitos do sociólogo francês *Pierre Bourdieu* (1930-2002), que investigou violência simbólica como elemento sutil quase imperceptível legitimando a dominação na prática; que denota uma dicotomia. O estudo semiótico traz à tona análise fílmica das cenas que evidenciam o abuso de violência psicológica como forma de coação e punição contra às aias que são consideradas entidades negativas e inferiores. Os atos violentos são praticados pela instrutora e guardiã brutal na República de *Gilead* que usa a tortura como ferramenta do sistema que desumaniza á mulheres.

**Palavras-chave:** Semiótica, tortura, opressão.

#### **Abstact**

The article presents a clip from the first episode "June" of the second season of the series *The Handmaid’s Tale*. Based on the concepts of French sociologist *Pierre Bourdieu* (1930-2002), who investigated the symbolic violence as a subtle element almost imperceptible legitimizes the domination in practice; that denotes a dichotomy. The semiotic study brings to the fore filmic analysis of the scenes that reveal the abuse of psychological violence as a form of coercion and punishment against the aias who are considered negative entities and lower. The violent acts are practiced by the instructor and brutal guardian in the Republic of *Gilead* that uses torture as a tool of the system who Dehumanizes women.

**Keywords:** Semiotics, torture, oppression.

---

<sup>1</sup>Aluno de graduação do Curso de Jornalismo; Centro Universitário do Vale do Ipojuca – UniFavip/Wyden; E-mail: [paulamartifer@hotmail.com](mailto:paulamartifer@hotmail.com).

<sup>2</sup>Professora no Curso de Jornalismo; Centro Universitário do Vale do Ipojuca – UniFavip/Wyden; E-mail: [carolinafalcao@gmail.com](mailto:carolinafalcao@gmail.com).



## 1 INTRODUÇÃO

### História

A homônima *The Handmaid's Tale* é uma obra seriada adaptada do livro “O conto da Aia”, escrito em 1985 pela canadense *Margaret Atwood* que além de atuar como uma das Tias na primeira temporada ela é roteirista da segunda temporada, junto com *Bruce Miller* e direção de *Mike Barker* que lançou no *streaming Hulu* dos Estados Unidos em 2017 e na *Paramount Channel* em 2018. Por ser difícil classificar a série devemos considerar como uma ficção científica especulativa, porém, ela tem carga dramática pesada porque em sua narrativa conta a história de um futuro distópico. A jornalista e editora *Olívia Mendêlo* da Revista continente de publicação da Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), frisa em sua crítica denominada “Distopias Radicais” publicada em 01 de julho de 2018 na edição 211, que “*The handmaid's tale*, *Westworld* e *Black mirror* atualizam as definições de narrativa distópica, em sociedades onde viver não é verbo para os fracos”.

Em tempos atuais, ainda alguns países, primam pela desigualdade, tendo às mulheres seus direitos feridos pelos homens e pela igreja que usam sua fé como arma de opressão. Na série, um grupo de religiosos e fundamentalistas movem uma revolução nos Estados Unidos, ou seja, um Golpe. Criando uma sociedade nova denominada *Gilead*, organizada a partir dos valores teocráticos cristão, e claro com poder em volta da figura masculina.

Neste futuro, a taxa de infertilidade é elevada e a solução encontrada pelo comandante *Fred Waterford* (*Joseph Fiennes*) foi capturar, às mulheres férteis e relegadas somente para reprodução, tornando- se aias. Apenas às esposas podem constituir uma família. Percebemos que as aias são, portanto, as escravas sexuais, destinadas a serem “estupradas” todo mês pelos seus comandantes através de um ritual denominado “Cerimônia”. O objetivo é gerar herdeiros de acordo com a doutrina dogmática que é a bíblia, assegurados no livro de Gênesis, 30:1-3<sup>3</sup>.

### Semiótica

---

<sup>3</sup> Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, se não morro. Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel, e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela disse: Eis aqui minha serva Bila; coabita com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela.



A protagonista *June Osborne/Offred* (*Elisabeth Moss*) é o nosso objeto de estudo em semiótica. Como no livro, a personagem representa todas mulheres que foram subjugadas e seus direitos cassados. Ela é uma das poucas mulheres férteis que restaram, que são transformadas em objeto de procriação, sendo entregue a família do comandante *Fred Waterford* (*Joseph Fiennes*) casado com *Serena* (*Yvone Strahovski*). Para compreender o signo cinematográfico no desenvolver de sua semiose na ação do signo deve-se fazer a observação das falas, atores, figurino, cores, sons e objetos seja verbal ou visual e revisitar as questões políticas e culturais presente na construção do símbolo.

Pierce observa que um símbolo é essencialmente um objetivo, quer dizer, é uma representação que procura tornar-se a si mesma mais definitiva, ou que procura produzir um interpretante mais definido que ela própria. Na verdade, a totalidade da sua significação consiste em ela determinar um interpretante; de forma que é do seu interpretante que ela deriva a atualidade da sua significação (PIERCE, 1998, p. 208). A semiótica é área que busca relações entre código e mensagem e entre signo e discurso. Segundo, Joly (2004), só será considerado signo se o mesmo expressar uma ideia e se provocar na mente daquele que perceber uma atitude interpretativa.

## 2 CONTEXTO

Não só nos filmes de gênero terror como o “Albergue” (2005) e “Jogos Mortais” (2004), se utilizam em suas cenas a tortura explícita, abusando da brutalidade com planos muito tensos, explorando a sangria e o sadismo. Alguns e críticos têm alimentado no público a existência do *torture porn* (Tortura pornográfica), que em sua definição é um gênero de filmes de terror em que a violência sádica ou a tortura é um aspecto central da trama (COLLINS, 2018).

Para *Adam Lowenstein*, professor de estudos cinematográficos da Universidade de *Pittsburgurh* (EUA) e autor de livro sobre o papel social dos filmes de horror afirmou em entrevista para Marcos Aurélio Canônico da Folha de São Paulo que: “Acho que é muito cedo, como mostra o debate sobre o “*o torture porn*”. Para mim, isso é indicação de que a maioria do críticos e parte do público ainda não estão prontos para lidar com esses filmes de modo como lidamos com “A noite dos Mortos –Vivo” [de George A. Romero ], que já é analisado



rotineiramente com foco em sua importância social e política. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018)<sup>4</sup>.

Porém não podemos negar que a violência é bastante explícita, e está em ascensão nos filmes e nas séries há um bom tempo, gerando a glamourização da tortura nas produções de terror, guerras, tramas policiais e dramas tendo grande receptividade do público. No caso de *The Handmaid's Tale*, apesar de trazer uma mensagem de cunho social, a segunda temporada vem contemplando em suas cenas a tortura como papel central contra às aias.

Para muitas jornalistas de sites internacionais de notícias como *El País* (Noelia Ramirez), *The Cut* (Liza Miller), *New Yorker* (Emily Nussbaum), *Paloma Rando* (Vanity Fair), *The Guardian* (Arielle Bernstein), *El Observador* e a editora de cultura do *The Verge* (Laura Hudson), comungam do mesmo ponto de vista, em que a narrativa visual da série vem trazendo um grande desconforto e angústia entre os telespectadores, devido à grande exposição de agressões contra às mulheres. Mutilações genitais, estupros, punições de apedrejamento, terror psicológico e vidas ceifadas nas colônias por causa dos trabalhos forçados na zona radiativa. Como afirma o jornalista Rafael Gonzaga:

As colônias são realmente o resultado final da misoginia, da crueldade contra mulheres - mas mesmo nesta crueldade você vê as mulheres se apoiando. Muito da série é sobre a incrível capacidade de resiliência e força não só de *Offred*, mas também de todas as mulheres (GONZAGA, 2018, não paginado).

O seriado realmente apresenta contornos diferentes. Segundo Liza Miller (*The Cut*), “a série virou um produto de pornô de tortura misógina”:

A violência contra as mulheres na segunda temporada é indulgente e busca satisfazer como uma resposta física e visceral em *The Handmaid's Tale*, que deixou de ser uma atração de terror feminista para virar entretenimento misógino do mais convencional (MILLER, 2018, não paginado).

Tanto nos meios de comunicação, quanto no mercado de entretenimento, trazem uma estética da violência como espetáculo do horror, sendo uma exposição excessiva que gerou um conformismo, encarado com naturalidade e consumida com muito prazer.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/02/369729-especialista-fala-sobre-ascensao-do-genero-torture-porn.shtml>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

## 2.1 Análise de cenas com bases teóricas do sociólogo Pierre Bourdieu

### A – CENAS

Imagem 1



Fonte: <https://www.handmaidsbrasil.com/>

Imagem 2



Fonte: <https://www.handmaidsbrasil.com/>

No final da primeira temporada no episódio final *Night*, Tia Lydia (Ann Dowd) convoca todas as aias para o apedrejamento de Janine/Ofdaniel (Tattiawna Jones), uma serva

atormentada devido aos seus problemas psicológicos, que deu à luz à um bebê e a sequestrou, sendo uma tentativa de homicídio sem êxito. *June Osborne* é primeira a se rebelar e recusa-se a atacar com pedra. Sua ousadia faz com ela seja espancada e levada pelos guardiões. Atônitas, as aias seguiram seus passos e não apedrejaram.

Vale ressaltar que às Tias fazem parte da estrutura de *Gilead* e tem o papel de instituição disciplinar, e de vigilantes, pois, o objetivo é ajustar as mulheres falhas. O centro vermelho remete aos hospitais psiquiátricos, que buscam através de tratamentos agressivos disciplinar comportamento das servas desviantes.

## B – CENAS

Imagem 3



Fonte: <https://www.hulu.com/the-handmaids-tale>

Imagem 4



Fonte: <https://www.hulu.com/the-handmaids-tale>





A van chega a residência dos *Waterford*. *June* é levada pelos guardiões, e todos os problemas se agravam, devido ela desobedecer a tia Lydia no ritual de apedrejamento de *Janine/Ofdaniel* (*Tattiawna Jones*). No livro de *Margaret Atwood*. *Ofreed* narra suas primeiras sensações e desesperança intrínseca por não saber o que ocorrerá em seu destino.

A camionete está na entrada para carros, as portas duplas permanecem abertas. Os dois, agora uma década lado, me seguram pelos cotovelos para me ajudar a entrar. Se isto é o meu fim ou um novo começo não tenho nenhum meio de saber: eu me entreguei às mãos de desconhecidos; porque não há outro jeito. E assim eu entro, embarco na escuridão ali dentro; ou então na luz (ATWOOD, 2006, p.254).

O que acontece com *June* depois que ela entra na traseira de uma van "escuridão, ou então a luz?" Quando *Offred* sai da van, ela entra em um ambiente confuso e concreto, ao lado de várias outras aias que estão igualmente confusas. Elas fazem uma caminhada fria e mortal pelo *Fenway Park*, casa do lendário *Boston Red Sox*. Longe da luz que esperava encontrar, os minutos iniciais são bem angustiantes, a cenografia é claustrofóbica, o prólogo silencioso, mulheres são tocadas feito um rebanho de porcos pelo estádio de beisebol, como fossem serem abatidas. Uma sensação de estar em pleno corredor da morte.

As ideias construídas na narrativa desencadeiam um sentimento, onde a magia do poder simbólico é criar contra sua vontade a dominação, fazendo com que haja uma aceitação tácita e limitada. A intenção é que aias despertem um sentimento de culpa.

Observamos que poder simbólico e violência simbólica, estão bem representados e se encontram atreladas na mesma mensagem visual, que fazem relação direta com a violência, porém distintas em sua aplicabilidade punitiva. Tal qual Bourdieu define. "O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (BOURDIEU, 1989, p. 7).

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação dominação, fazem esta relação ser natural (BORDIEU, 2011, p.47). Essa experiência de colocar as aias como vítimas da violência simbólica junto com poder simbólico, mostram como despertam um sentimento trágico e impotente. Emoções corporais –vergonha, humilhação, timidez, ansiedade e culpa; emoções dolorosas, por se traírem em manifestações

visíveis, como enrubesdescer, o gaguejar, o desajeitamento, o tremor, a cólera ou a raiva onipotente (BORDIEU, 2011, p.51).

## C-CENA

Imagem 5



Fonte: <https://www.handmaidsbrasil.com/>

O clímax criado na cena é caracterizado como perturbadora, ao ver que elas não podem exprimir sua dor, o diretor optou em seu silencia-las, com focinheiras para não gritarem. Apenas olhos descrevem seu desespero de serem possivelmente mortas por métodos nada ortodoxos, que remetem a inquisição, sendo levadas a forca numa simetria perfeita. Apenas a música desconcertante de *Kate Bush – This Woman's Work*, acompanha um pouco o ponto de vista feminino, no caso o de *June*, como se aquela melancolia da canção estivesse presa em sua mente e fizesse parte de sua história. “[...]A violência não tem outra causa senão a satisfação dos impulsos e desejos destrutivos do homem [...]” (BIRMAN, 2003, p.41). Tanto as aias como para protagonista *June Osborne/Offred (Elisabeth Moss)*, que demonstraram medo na cena sentiram seus sonhos destruídos, contudo mostraram serem mulheres fortes e destemidas.

O depoimento da ex- secretária *Ma Anand Sheela* do guru indiano *Bhagwan Shree Rajneesh (Osho)*, define esse sentimento das aias perante a forca. De forma metafórica ela relata



na série documental exibida no streaming *Netflix* que em *Wild Wild Country*, que conta a história de líder espiritual politicamente incorreto. No episódio 1 “parte 1”. *Ma Anand Sheela*, relata:

Toda coroa vem com sua guilhotina, sem a guilhotina, você não pode usar a coroa. Era meu destino, mas por que é necessário levar alguém a guilhotina? Por causa da força dos homens que querem destruir a força. Apesar da guilhotina eles ainda não me mataram, ainda não mataram meu espírito. Aonde quer que eu vá sempre usarei a coroa e não tenho medo de ser levada a guilhotina (Trecho extraído da Série Documental *Wild Wild Country*, disponível na *Netflix*.).

Ela se refere a perseguição e o anseio de *Osho* de matá-la após descobrirem pelos policiais os atos ilícitos praticados pela comunidade criada pelo guru no condado *Wasco* em *Oregon* no Estados Unidos de 1980.

## D-CENA

Imagem 6



Fonte: <https://www.handmaidsbrasil.com/>

Chove em *Gilead*, recai sobre os corpos das mulheres ajoelhadas que em círculos seguram uma pedra com um dos braços esticados criando uma atmosfera fria. A tortura psicológica e física está presente nesta cena, em forma ritual. Elas passam por um teste de resistência que sacrificam os corpos vivos até exaustão. Sendo uma forma punição utilizando de preceitos bíblicos. “ROGO-VOS, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os

vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”. (ROMANOS, 12:1).

Para os cristãos o nosso corpo está morto por causa do pecado, que não apresenta valor algum é um instrumento inútil, apenas tem uma finalidade de servir a deus. Foucault, define que o corpo humano é o ator principal de todas as utopias. “[...] Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico [...]” (FOUCAULT, 2013, p.10). Quando colocamos estes corpos em sacrifício temos a redenção. Logo porque estes corpos são vistos como imponderáveis: “[...] nada é menos coisa que ele: ele corre, age, vive, deseja, deixa-se atravessar sem resistência por todas as minhas intenções. É verdade! Mas até o dia em que adoço [...]” (FOUCAULT, 2013, p.11).

## E-CENA

Imagem 7



Fonte: <https://www.handmaidsbrasil.com/>

Tia *Lydia* (Ann Dowd) apresenta *June Osborne* (Elizabeth Moss), a gestante que está aprisionada por uma corrente *Ofwyatt* (Alana Pancyr), devido ser uma mulher rebelde, a guardiã ameaça caso *June* não se alimente. No centro vermelho elas vivem sobre a lei que normatizam suas condutas. Lei social é convertida em lei incorporada, não são das que se podem sustar com um esforço de vontade, alicerçado em uma tomada de consciência libertadora (BOURDIEU, 2011, p.41).

Segundo o autor, a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com apoio de predições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos Corpos.

(BOURDIEU, 2011, p.41). Vale lembrar que violência psicológica pela lei em vigor é caracterizada por: “[...] qualquer conduta que cause danos emocional e diminuição da autoestima, ou lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento [...]” (BRASIL, 2006, p.3).

## F-CENA

Imagem 8



Fonte: Print realizado pela autora a partir da Reprodução em vídeo (DVD)

Tia *Lydia* vai para cozinha do centro vermelho, e exerce a perversidade e masoquismo constitutivo de sua natureza. Escolhe uma serva para queimar as mãos no fogão. Este ato de extrema violência é presenciado pelas as outras aias no refeitório. Constata-se que elas devem ter uma conduta submissa.

A sensação de terror percorre toda cena. *Gilead* por ser uma nova ordem social, tem a função patriarcal e utiliza-se desse poder para impor valores e regras de comportamento ao gênero feminino, e possui o direito “legítimo” de punir mulheres desobedientes.

A insubordinação é confrontada por padrões impostos às mulheres pela ordem patriarcal. As servas são reprimidas, características da violência simbólica de Bourdieu, sendo punidas com violência física, sexual, psicológica e moral. O exercício do poder simbólico praticado por tia *Lydia*, demonstra que atos violentos constituem métodos “eficácia” de controle do comportamento.

## CONSIDERAÇÕES

Em *The Handmaid's Tale*, o episódio 2x01, trouxe 51 minutos de momentos sombrios, onde podemos observar que há um espetáculo misógino muito forte. A violência é um símbolo de controle social. Por ser uma distopia faz conexão com nosso campo social atual e mostra o mal-estar em que vivemos, e que o preconceito não foi desconstruído. A violência, invadiu todas as áreas da vida de relação do indivíduo: relação com o mundo das coisas, com o mundo das pessoas com seu corpo e sua mente (COSTA, 2003, p.11).

Os signos desse processo são bastante claros para todos nós, eu creio. Basta lermos jornais e assistir aos noticiários da televisão para que afrontemos diariamente práticas violentas na atualidade. Essas práticas foram banalizadas e naturalizadas na sociedade que os agentes sociais podem sustentar, à luz do dia, seus discursos, desde que não sejam ameaçados juridicamente (BIRMAN, 2003, p.41).

Na série pude perceber que a figura do patriarcado se perpetua até hoje, e a dominação simbólica é a mola propulsora para a tortura dessas mulheres. Esse estudo trouxe a reflexão da potência das desigualdades nos conflitos apresentados nas cenas analisadas e comparando com países de governos teocráticos que são regidas por Deus ou uma divindade sendo reconhecidos como o supremo governante civil, espalhados no mundo como em Andorra; Afeganistão; Irã; Mauritânia; Arábia Saudita; Sudão e Iêmen, que adotam normas religiosas específicas com condutas opressivas. São liderados por figuras centrais. No Vaticano temos o Líder religioso teocrático (Bíblia), Papa Francisco (em latim: Franciscus), o 266º sumo pontífice da Igreja Católica.

A série tem explorado atos como de coerção, intimidação pela força física, constrangimento moral, que intensifica o complexo de inferioridade que tem a intenção de desestabilizar às mulheres. O propósito do artigo foi mostrar que a glamourização da tortura, é um discurso midiático, por que gera um encantamento no público, um desejo. Quem consome esse tipo de produção que tem como elemento a violência, e principalmente quando o objeto da narrativa é a mulher, aguçam os produtores a investirem massivamente neste gênero que dá muita audiência.

Só que por outro lado, nos deparamos com impacto que pesam no cotidiano, pois como define Foucault é uma Tecnologia de Poder, por quê? Ela tem poder causar vários sentimentos, o de repulsa, fenômenos comportamentais sádicos, o efeito da verdade absoluta. *The Handmaid's Tale*, é a prova que a sociedade pode mudar os valores, a identidade, e estabelece



outro estilo de vida, tem a capacidade de redesenhar uma realidade que não desassocia dessa pós-modernidade.

## REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret Eleanor. **O conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BÍBLIA. “Novo testamento: João”. In: **Bíblia sagrada**. Reed. Versão de Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Da Américas, 1955.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. 4º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. 10º. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRASIL. **Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CANÔNICO, Marcos Aurélio. **Especialista fala sobre ascensão do gênero "torture porn"**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/02/369729-especialista-fala-sobre-ascensao-do-genero-torture-porn.shtml>>. Acesso em: 21 de maio de 2018.

COLLINS. **Dictionary**. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/pt/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CONTINENTE. **Revista**. Disponível em: <<http://www.revistacontinente.com.br/edicoes/211>> Acesso em: 10 julh.2018.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise**. 3ºed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 2011.





FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: Edições n-1, 2013.

GONZAGA, Rafael. **The Handmaid's: As colônias são o resultado final da misoginia e da crueldade, diz produtor**. Disponível em: <<https://omelete.com.br/series-tv/noticia/the-handmaids-tale-as-colonias-sao-o-resultado-final-da-misoginia-e-da-crueldade-diz-produtor/>>. Acesso em: 10 de jun. 2018.

HANDMAIDS BRASIL. **Site completo**. Disponível em: <<https://www.handmaidsbrasil.com/>>. Acesso em: 21 de maio de 2018.

HULU BRASIL. **Site completo**. Disponível em: <<https://www.hulu.com/the-handmaids-tale>>. Acesso em: 10 de jun. 2018.

MILLER, Lisa. **The Relentless Torture of *The Handmaid's Tale***. Disponível em: <<https://www.thecut.com/2018/05/the-handmaids-tale-season-2-review.html>>. Acesso em: 13 de jun. 2018.

PEIRCE, C. S. **Antologia Filosófica**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998.

RAMIRES, Noelia. **Mulheres que jogam a toalha com 'The Handmaid's Tale': "Isto é pornô de tortura"**. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/16/actualidad/1526499422\\_250950.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/16/actualidad/1526499422_250950.html)>. Acesso em: 10 de jun. 2018.

WILD Wild Country. Direção de Maclain Way e Chapman Way. Netflix, 2018.